

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Uma Cinemateca em Chamas - Histórias de Projeção e Projecionistas
28 de Janeiro de 2026

IN THE STONE HOUSE / 1967-2012

Realização, produção, imagem e montagem: *Jerome Hiler* / Estados Unidos, 1967-2012 /
Cópia: 16 mm, preto e branco e cor, muda / Duração: 35 minutos, a 18 imagens por
segundo / Primeira exibição na Cinemateca.

NEW SHORES / 1971-2014

Realização, produção, imagem e montagem: *Jerome Hiler* / Estados Unidos, 1971-2014 /
Cópia: 16 mm, muda / Duração: 35 minutos, a 18 imagens por segundo / Primeira
exibição na Cinemateca.

filmes de Jerome Hiler

duração total da projeção: 70 min

Jerome Hiler começou a filmar em meados dos anos 1960, empunhando uma câmara Bolex que lhe foi emprestada pelo cineasta seu amigo Gregory Markopoulos. Como o próprio confessa numa entrevista a Max Goldberg (*Regreso a la forma. Entrevista con Jerome Hiler*, publicada na revista *Lumière*, num especial “Nathaniel Dorsky & Jerome Hiler”) começou como assistente de Markopoulos em **The Illiac Passion** (1964-1967) e é nesse mesmo período que começa as filmagens de **In The Stone House** (1967-2012), a cujas imagens voltaria muitos anos depois, como percebemos pela datação deste e do filme seguinte que compõe esta sessão, **New Shores** (1971-2014).

Este é um programa que envolve dois marcos no trabalho deste pintor e cineasta experimental nascido em 1943, que desenvolveu grande parte da sua obra em paralelo com a de Nathaniel Dorsky, o seu companheiro. Nestes dois filmes, como nos restantes, o registo da paisagem tem um lugar de eleição, cruzando-se com uma abordagem diarística de um quotidiano captado com a sua câmara Bolex de 16mm, montando e recuperando imagens antigas, filmadas no final da década de sessenta e início da década seguinte. **In The Stone House** revisita o período em que ainda nos anos 1960, Hiler e Nathaniel Dorsky abandonaram Nova Iorque e foram viver para a zona rural de Nova Jérnia, antes de se mudarem para São Francisco e **New Shores** corresponde a uma viagem pela Costa Leste dos Estados Unidos.

Como se escrevia no nosso programa mensal, antes de se tornar cineasta, Jerome Hiler foi projecionista na Filmmakers’ Cinematheque, onde privou com Jonas Mekas e muitos cineastas conotados com um cinema mais experimental. Embora filme desde a

década de 1960, durante muito tempo o material filmado e as suas rushes apenas foram projectados para um círculo restrito de amigos, sendo que foi apenas nos últimos anos que alguns dos seus trabalhos foram mostrados a um público mais vasto, como revela numa outra entrevista realizada por Martin Grennberger e Daniel A. Swarthnas na mesma revista *Lumière*, cuja leitura recomendamos.

In The Stone House recupera imagens extremamente fortes, filmadas no mesmo período que **Hours for Jerome** (1967-1971), de Nathaniel Dorsky, quando viveram juntos na Nova Jérquia, que reporta a experiências íntimas que se cruzam com experiências de natureza propriamente filmica, revelando como os dias se sucedem com uma cadência poética retratada em cores magníficas e vibrações de imagens mudas, que anunciam todo o seu esplendor quando se tenta registar um eclipse ou se filma uma paisagem através de um cristal, que a transforma magicamente. Nas imagens vemos Dorsky e a poeta Anne Waldman, amiga do casal, que contracenam nesta visão de um mundo passado, recomposta tantos anos depois.

E se **New Shores** é um projecto autónomo, ambos os filmes encetam um diálogo invulgar. Como escreveu o próprio Hiler: “Montado em 2014, **New Shores** é, em muitos aspetos, um filme irmão de **In The Stone House**. Tal como este último, é composto por imagens antigas editadas nos últimos anos. Poderia ser visto como uma sequela de **In The Stone House**, tanto mais que começa com uma viagem pelos Estados Unidos até à Costa Oeste, para onde me mudei, e termina com uma visita, em 1987, à “casa de pedra” na zona rural de Nova Jérquia. Embora se possa imaginar uma linha temporal, o filme sustenta-se por si só. Corresponde simplesmente a uma série de episódios que abordam facetas da vida numa nova região, com um novo clima, novas pessoas, novas identidades e antigos medos persistentes. A câmara Bolex percorre paisagens e espaços residenciais, locais de trabalho e encontros. Uma dança de imagens: pode a beleza coexistir com o medo e a morte? É um filme sobre as coexistências que fervilham sob a superfície dos acontecimentos quotidianos (...) Esta ronda outonal completa a progressão sazonal de **The Stone House** mas reafirma a impossibilidade de qualquer regresso. O meu título deve ser familiar aos cinéfilos como uma paráfrase do filme alemão de Douglas Sirk, **Zu Neuen Ufern**, ou “**To New Shores**”. Este filme trata também da deslocação, da busca de prazeres para escapar à atmosfera geral de aprisionamento e de uma capitulação final.”

Se os filmes de Hiler estiveram afastados do público durante muitos anos, limitando-se a projecções privadas, mostrá-los agora revela como todo o seu trabalho assenta numa apurada experiência de ritmos e de cores, em que as imagens se sobrepõem numa composição exemplar e as ligações à pintura são bem evidentes na beleza que subjaz a estes dois filmes em que a película 16mm resplandece em toda a sua materialidade.

Joana Ascensão